



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR VIVENCIADA POR PESSOAS
LGBTQIA+ EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR VIVENCIADA POR PESSOAS
LGBTQIA+ EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade projeto de pesquisa apresentado pelo Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR VIVENCIADA POR PESSOAS
LGBTQIA+ EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade projeto de pesquisa apresentado pelo Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 10/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO/JUSTIFICATIVA	7
3	PERGUNTA ESTRUTURAL DO PROJETO	10
3.1	OBJETIVOS	10
3.1.1	Geral	10
3.1.2	Específicos	10
4	METODOLOGIA	11
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	11
4.2	GRUPO FOCAL	12
5	ENTREVISTAS	12
6	CRONOGRAMA	13
	Referências	14

1 INTRODUÇÃO

A violência contra pessoas LGBTQIA+ é uma prática constante em nossa sociedade. Os discursos de ódio entrelaçados a um sistema heterossexual e normativo condicionam o pensamento social coletivo à repulsa de pessoas que não estão padronizadas a essas normas. É rotineira as notícias de agressão contra pessoas de gêneros/sexualidades dissidentes. Uma pesquisa que analisou dados do Sistema Único de Saúde (SUS), entre os anos de 2015 a 2017, apontou que no Brasil, a cada hora, uma pessoa LGBTQIA+ é agredida, sendo a população negra a mais atingida, correspondendo a mais da metade dos casos registrados (PUTTI, 2020). É entre tapas e piadas que pessoas LGBTQIA+, logo cedo, vão aprendendo a suportar o estigma de ter as suas subjetividades ameaçadas e reprimidas a fim de que sejam controladas e moldadas ao mesmo padrão que as exclui.

Em sua obra, "História da sexualidade: a vontade de saber", o filósofo Michel Foucault descreve a sexualidade como um dispositivo de poder que está intimamente ligado a diversas instâncias sociais, produzindo e incitando discursos. Esse dispositivo hierarquiza as relações dos indivíduos, deixando bem explícito a posição que está aquele que pode falar e o que ouve. Essa produção de discursos tem o intuito principal de organizar e regular o gênero e as sexualidades, o que nos traz a noção de que o corpo disciplinado acaba por se tornar um ponto estratégico para a efetivação das políticas de Estado. (RIBEIRO, 2015)

Instâncias sociais que lidam cotidianamente com a reprodução de normas regulatórias da sexualidade têm um caráter performativo, ou seja, têm o “poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam” (LOURO, 2001, p.548); constantemente reitera-se essas normas a uma noção dos gêneros como unicamente heterossexuais. Como todo projeto autoritário tem uma tendência à falência, essas normas acabam por criar diferentes “outros” que não se encaixam a esse padrão heterossexual.

Pensando as instituições escolares, as mesmas conservam um papel que vai muito além da formação intelectual dos indivíduos. Segundo Bourdieu (1998), a escola segue uma lógica própria que tem por função “conservar os valores que fundamentam a ordem social”. (BOURDIEU, 1998, p.56) A escola, frente a formação dos novos agentes sociais, impõe esses valores deixando exposto diversos movimentos de desigualdade. Bourdieu (1998) acrescenta: “não se pode conceber educandos iguais em direitos e deveres frente à língua universitária e frente ao uso universitário da língua, sem se condenar a creditar ao dom um grande número de desigualdades que são, antes de tudo, desigualdades sociais”. (BOURDIEU, 1998, p.56)

A escola é uma instituição social que quase não produz discursos explícitos sobre a sexualidade, mas produz discursos implícitos como, por exemplo, no modo como o espaço está organizado. Segundo Foucault (1988), a escola fala continuamente do sexo. Para tal percepção, o autor nos instrui a observarmos a organização arquitetônica, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização no interior da instituição. Forma-se, assim, um prolixo discurso regulador da sexualidade das crianças e jovens. O autor afirma que:

O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula para os que as fazem funcionar – articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. Mas ainda há mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral – um problema público. (FOUCAULT, 1988, p.30).

As relações hierárquicas estabelecidas pela instituição escolar são carregadas de omissões e silenciamentos. Por seu caráter conservador, a escola deixa passar diversos movimentos de violência que são constantemente reproduzidos no cotidiano da instituição. “Como bem sabemos, a homofobia circula pelos corredores e salas de aula, se insinua nos livros didáticos e aparece escancarada nos recreios e nos banheiros” (LOURO, 2011, p. 67).

Esse caráter regulador e hierarquizante da escola deixa subentendido ao seus integrantes movimentos que fazem a manutenção dessas diferenças sociais, que se estendem tanto na linguagem, mantendo a noção de soberania do masculino e a de subalternidade do feminino, como na noção de heteronormatividade, que é um “conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante”. (DINIS, 2011, p. 42)

A repetição dessas noções, reproduzidas na transmissão de conhecimento, só mantém o funcionamento dessa normatividade que favorece os que se aproximam do que é imposto e exclui os que se distanciam daí. E, ainda que implicitamente, a linguagem e as noções em que estão ligadas a figura de pessoas LGBTQIA+ no contexto escolar só reforçam esse lugar de subalternidade e diferença.

Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles (...) Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais. (WITTIG, 1980, p. 02)

Refletindo sobre tudo que foi abordado aqui, esse presente projeto de pesquisa pretende entrevistar docentes e discentes LGBTQIA+ que fizeram/fazem parte de escolas públicas, de ensino médio, no município de São Francisco do Conde-Ba, e, a partir das entrevistas, analisar suas narrativas de vida, com foco nas situações de violência vivenciadas nestas instituições. O objetivo desta pesquisa, portanto, consiste em tentar entender essas relações com o intuito de compreender como a noção de heteronormatividade se materializa nesses espaços e como tal noção silencia e respalda situações de violências contra pessoas com gêneros e sexualidades dissidentes.

A pesquisa pretende, na análise dessas experiências de violência analisadas, entender como essas relações estão continuamente ligadas ao processo escolar. O objetivo é saber como essas situações se estruturaram, se camuflaram ou respaldaram-se segundo as vivências desses indivíduos no processo escolar. Há também o intuito de saber se as instituições pretendem ou já desenvolvem algum projeto de erradicação dessas violências perpetradas contra as pessoas LGBTQIA+, e buscaremos, nessas histórias, saber como essas pessoas criaram estratégias de enfrentamento e luta contra essas opressões vivenciadas no cotidiano escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO/JUSTIFICATIVA

Judith Butler (2003) ao trabalhar sobre a naturalização das relações heterossexuais, afirma que o sexo é constituído socialmente como binário e hierárquico. A autora argumenta que a constituição do sexo/gênero como discurso acaba por naturalizar a noção das relações binárias como produto da natureza biológica. Constitui-se, então, uma legitimidade da heterossexualidade compulsória, que acaba por interferir em todos os âmbitos da vida social.

Embora possamos ser tentados a dizer que a heterossexualidade assegura a reprodução da cultura (...), também é verdade que o preconceito de uma cultura como uma totalidade auto-sustentável e auto-replicável apoia a naturalização da heterossexualidade e que a totalidade da abordagem estruturalista das diferenças sexuais torna emblemático esse movimento de garantir a heterossexualidade através das temáticas da cultura. (BUTLER, 2003, p. 252)

O ensino médio é um período escolar bem conturbado, marcado pela fase da puberdade, sendo constante as mudanças nos jovens, tanto corporais quanto psíquicas. Essa fase é marcada pelas dúvidas e novas percepções que acabam moldando o caráter ético e social

dos mesmos. No ensino médio essas relações são muito bem marcadas, afinal, nós e nossas relações são fruto de um conjunto de signos que moldam nossos desejos e condutas.

É inegável que a forma como vivemos nossos prazeres e desejos, os arranjos, jogos e parcerias que inventamos para pôr em prática esses desejos envolvem corpos, linguagens, gestos, rituais que, efetivamente, são produzidos, marcados e feitos na cultura (LOURO, 2011, p.64)

Um período característico de mudanças e dúvidas para os jovens que acabam por se deparar com diferentes estranhamentos frente às suas experiências culturais. Todo comportamento que causa estranhamento é motivo para que seja etiquetado como diferente, como o “outro”. Essa categoria de pessoas, que acabam sendo constituídas como os outros, ocupam as margens desse sistema hierárquico, só que Louro aponta que “ninguém é essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como centro e como referência.” (LOURO, 2011, p. 65).

A escola é esse lugar de muitos encontros, por isso diferentes formas de violências são produzidas e reproduzidas na/pela escola, colaborando para a manutenção do caráter conservador e normativo da sociedade. Pessoas racializadas (negras/pretas, indígenas), mulheres, gordos e LGBTQIA+ são alvos constantes desse movimento de violência manifesta no cotidiano escolar. Porém, quando se trata de pessoas LGBTQIA+, a escola acaba por produzir a negação desses corpos e silencia frente às múltiplas violências que oprimem estas pessoas.

A homofobia se tornou, no mundo contemporâneo, um dos últimos preconceitos ainda tolerados (...) Dizer publicamente não simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também em uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina. (DINIS, 2011, p. 41)

Violências que se manifestam de diferentes formas, como piadinhas, humilhações, e agressões, estão intimamente ligadas ao cotidiano de pessoas LGBTQIA+ na escola. Essas pessoas vão descobrindo que seus corpos e subjetividades não se encaixam ao padrão social e acabam sofrendo além de sanções por desvio de conduta, o silenciamento de seus corpos. Em função desse silenciamento que a escola produz, essas situações de violência se respaldam visto que esse silenciamento mantém esses corpos em um limbo, sem lugar, sem filosofia, sem voz.

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ´eliminá-los`, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ´normais` os/as conheçam e possam

desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da norma. (LOURO, 1997, p. 67-68).

Por sua vez, a escola, como esse espaço de transmissão de conhecimento, é bem seletiva. Os conteúdos e discussões levantadas pela instituição não são inclusivos e nem chegarão perto de sanar o problema da opressão de gênero e sexualidade presente na sociedade. Louro (2001) nos instrui que, “isso ocorre porque ela se constituiu, historicamente, como um campo normalizador e disciplinador”. Ela ainda afirma que a “educação opera, muito expressivamente, na perspectiva da heteronormatividade” (LOURO, 2001, P. 66)

Essa proposta de trabalho pretende, então, na análise de violências escolares às pessoas LGBTQIA+, nas instituições de ensino médio em São Francisco do Conde, evidenciar que esse caráter compulsório da heterossexualidade produz violências. Para isso, pretende-se analisar e questionar essas situações e saber como as mesmas foram impactantes na formação social e identitária dessas pessoas, bem como saber como a noção de heteronormatividade influenciou e respaldou situações de violência existentes no cotidiano escolar.

Por essas experiências que passam os discentes LGBTQIA+, no ambiente escolar, pretende-se examinar, primariamente, como esses discentes acometidos pela violência, relacionam-se com essas instituições. Saber como essas experiências interferiram na formação identitária dessas pessoas e como os mesmos relacionaram-se, em sociedade, a partir dessas experiências - se carregando traumas ou criando estratégias de enfrentamento.

Buscar-se-á saber, também, como os(as) professores(as) LGBTQIA+ têm se portado nesse movimento hierárquico. O fato das(os) docentes estarem situados em uma hierarquia institucional pode configurar diversas relações que as(os) impossibilitam de desenvolver uma educação para quebrar esse paradigma que envolve a educação e a sexualidade.

Docentes que tentam fugir a essa norma e tentam criar diálogos consistentes sobre a diversidade sexual acabam por ser penalizados também. Consequentemente, cria-se um medo entre os docentes em debater ou, se quer, falar sobre o tema com os discentes. A professora e psicanalista Deborah Britzman (1996) comenta que:

Existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de "recrutar" jovens inocentes. Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN, 1996, p. 79-80).

Tendo isso em vista, pretende-se analisar essa hierarquia docente/instituição, a posição desse docente perante as normas da escola, suas metodologias e seus enfrentamentos ao silenciamento da instituição para saber se o/a mesmo(a) tem contribuído na quebra dos estigmas às pessoas com gêneros e sexualidades dissidentes. Essa pesquisa pretende abordar, essas relações, as quais estão ligadas a figura desses docentes – direção e discentes – para entender a posição dos mesmos, se de enfrentamento ou reprodução de violências.

A presente proposta de trabalho justifica sua relevância no intuito de colaborar com a quebra de estigmas às pessoas com gêneros/sexualidades dissidentes, ajudando a denunciar violências contra pessoas LGBTQIA+ que, como já abordamos aqui, são alvos do silenciamento e agressões da/na escola.

3 PERGUNTA ESTRUTURAL DO PROJETO

Como a violência contra pessoas LGBTQIA+ tem se dado no âmbito escolar? Como as instituições escolares e seus agentes – docentes, discentes, gestoras(es) - têm estruturado suas bases para o enfrentamento a essas violências?

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Geral

O presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre as experiências de violência vividas por pessoas LGBTQIA+ em colégios públicos, do ensino médio, na cidade de São Francisco do Conde-Ba, bem como compreender de que modo estas instituições escolares têm enfrentado essas violências.

3.1.2 Específicos

- A. Compreender como se dão as relações de violências contra pessoas LGBTQIA+ nas instituições de ensino.

- B. Analisar, nas narrativas de vida dos entrevistados, as violências sofridas nas instituições escolares e se essas narrativas deixaram sofrimento ou interferiram na construção social e subjetiva desse indivíduo.
- C. Compreender como pessoas LGBTQIA+ encararam/encaram a violência frente suas experiências.
- D. Analisar as relações hierárquicas entre professores(as)-alunos/as, professores-Direção no entendimento e enfrentamento da homofobia.
- E. Buscar compreender nas narrativas de professores LGBTQIA+, se os mesmos já se encontraram em situações de violência por função da sua sexualidade dissidente.
- F. Compreender se as/os professores têm desenvolvido meios para romper com o silenciamento e conservadorismos das instituições e como tem desenvolvido o diálogo com os estudantes para quebra do estigma que cerca a educação e a sexualidade.
- G. Visitar as escolas, no intuito de saber se as mesmas, têm criado estratégias para romper com as práticas de violências cotidianas a pessoas LGBTQIA+.

4 METODOLOGIA

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Metodologia de cunho qualitativo; atendo-se primeiramente às pesquisas bibliográficas e exploratórias.

4.2 GRUPO FOCAL

A metodologia do grupo focal, introduzida na presente pesquisa, se desenvolverá no intuito de captar, a partir das experiências compartilhadas pelo grupo de discentes e docentes, uma maior compreensão de suas experiências e visões de mundo, questionando esse processo hierárquico que produz o silenciamento de ambos. O método do GF vai se ater às trocas e captação de experiências entre docentes e discentes; intencionalmente, buscar-se-á romper com a visão da hierarquia entre professor e aluno e observar mais as narrativas de vida que os ligam às mesmas experiências de violência na escola.

O GF permite ao pesquisador não só examinar as diferentes análises das pessoas em relação a um tema. Ele também proporciona explorar como os fatos são articulados, censurados, confrontados e alterados por meio da interação grupal e, ainda, como isto se relaciona à comunicação de pares e às normas grupais. (RESSEL, 2008, p. 780)

O método de grupo focal é uma metodologia qualitativa que se constitui a partir de um grupo de pessoas direcionadas por pesquisadores para discutir um determinado tema, “em que haja, pelo menos, um ponto de semelhança entre os participantes” (RESSEL, 2008, p.781), em suas experiências e narrativas de vida. Ambiciona-se, a partir desta pesquisa, formar três grupos para o GF, cada um com sete pessoas. Cada grupo terá quatro encontros, tendo no máximo, uma hora e meia de duração cada sessão.

O uso do grupo focal se justifica no intuito de propiciar aos discentes e docentes uma maior interação e troca de informações sobre as experiências de violência vivenciada por ambos. Pretende-se analisar essas narrativas de violências não como algo individual ou isolado, mas como uma rede que mantém a noção da heterossexualidade como centro e como norma, o que acaba por tornar vítimas os que não se encaixam nesta norma.

5 ENTREVISTAS

Posteriormente, a utilização de entrevistas individuais, a fim de captar nas narrativas de vida, experiências e relatos marcantes dos indivíduos entrevistados. Quivy e Campenhoudt (1998) expõe no “Manual de investigação em ciências sociais” que entrevistas ajudam a construir a problemática da investigação e tem como função principal revelar determinados aspectos sobre o tema que o investigador não teria pensado por si mesmo, o que colabora com as investigações a partir das referências bibliográficas a serem estudadas.

As entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação das leituras. Uma e outras são complementares e enriquecem-se mutuamente. As leituras dão um enquadramento às entrevistas exploratórias e estas esclarecem-nos quanto à pertinência desse enquadramento. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 69)

É a partir dessas entrevistas a serem desenvolvidas individualmente com os interlocutores que se pretende averiguar as ideias e hipóteses abordadas no presente trabalho. Pretende-se, também, analisar as narrativas dos interlocutores, dando uma maior importância e valor aos contatos e vivências dos mesmos.

Referências

- BOURDIEU, P. A escola conservadora e as desigualdades frente à escola e à cultura. In: CATANI, A. (org). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan/ jun 1996.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? In: **Cadernos Pagu**, (21) 2003: p. 219-260.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. Curitiba: **Educar em Revista**, 2011.
- FOUCAULT, Michel. "**História da sexualidade I: a vontade de saber**". Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Belo Horizonte: **Formação docente**, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- PUTTI, Alexandre. Um lgbt é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998
- RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, CLC; GUALDA, DMR; HOFFMAN, IC; SILVA, RM; SEHNEM, GD. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. Relato de Experiência. **Texto & contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2008, Out-Dez; 17(4): p. 779-86.
- RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Da AV. Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero**. 1980 Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero.pdf>> acesso em: janeiro de 2022